

A Propósito das Listas de Topônimos e das Nomenclaturas Geográficas

O Sr. M. AUROUSSEAU, num comentário aparecido no vol. CV, ns. 1 e 2 de janeiro e fevereiro de 1945, da revista *The Geographical Journal*, de Londres, estuda o problema da nomenclatura dos diversos guias utilizados na pesquisa geográfica, considerando a incerteza, ou melhor a errônea que vai na sua classificação por não atentar, geralmente, a maioria das pessoas, na justa distinção entre os mesmos. Por uma questão de sistematização, muito importante em qualquer ciência, procura fixar as características de cada um e especificar-lhes a aplicação cabida.

Argumenta, inicialmente, que *Vocabulário e Glossário, Índice e Dicionário Geográfico (gazetteer)*, mesmo *Glossário e Dicionário Geográfico*, são comumente tomados um pelo outro e que, mesmo *índices* dos nomes de importantes mapas ou coleção de folhas são organizados por repartições oficiais com a caracterização de dicionários geográficos (*gazetteers*), tanto nos Estados Unidos como nos outros países. Cita as definições constantes do novo dicionário inglês (*New English Dictionary*) de MURRAY, de acôrdo com o qual, *Vocabulário* é "uma coleção ou lista de vocábulos acompanhados duma breve explicação da sua significação"; *Glossário*: "uma lista com explicações de termos inusitados, antiquados, dialetais ou técnicos"; "um dicionário parcial"; *Índice*: "uma lista alfabética, colocada, via de regra, ao fim do livro, dos nomes, assuntos, etc., constantes do mesmo, com indicações dos lugares em que ocorrem", e *Dicionário Geográfico*, "um índice ou dicionário geográfico" propriamente dito. Achando que tais definições não correspondem à precisão exigida pelo geógrafo, pois na prática não é possível distinguir entre *Vocabulário e Glossário* (pois ambos são listas de vocábulos), por um lado, e entre *Índices de mapas e Dicionários geográficos* (pois ambos são listas de nomes próprios), por outro, busca outras definições que melhor façam ressaltar a diferenciação entre os tipos acima relacionados.

Expõe que, de acôrdo com o ponto de vista do *Committee* o *Vocabulário* consiste numa lista alfabética de palavras com sua equivalência em língua estrangeira particular com a qual está marginada e destinado a servir ao viajante inglês no seu contacto com habitantes do país a que se aplica. Sobre esse ponto esclarece que a catalogação de um dicionário prestável de línguas estranhas representa o primeiro passo para a comunicação com o povo a que se acha culturalmente ligada e lembra o trabalho de exploradores ingleses e americanos nesse sentido, como o *Vocabulário* coligido por STEPHEN BURROUGH, em 1557 e um *Vocabulário indo-americano* recolhido por CARTIER, em 1534, ambos preservados por HAKLUYT. Mostra também que a Marinha inglesa tem procurado, desde a segunda metade do século XIX, armar as expedições ao Ártico como às ilhas do Pacífico, de vocabulários das línguas e dialetos das regiões visitadas.

Salienta que este cabedal de vocabulários acumulado na segunda metade do século XIX servira não só para capacitar os viajantes a se entender com os nativos na própria língua destes como a habilitar os estudiosos a interpretar mapas e cartas de regiões desconhecidas. Ambos estes usos ainda estão consagrados no manual "Pilots" do almirantado que contém um restrito e selecionado vocabulário. O mesmo fez o Royal Automobile Club com o seu *Continental Guide*, vocabulário europeu-comparativo de referências automobilísticas.

Assinala, entretanto, que este período de exploração já está a findar. Primeiro rareiam os vocabulários a ser coligidos; segundo: o geógrafo recusa o papel de registrador de línguas. E' quase nulo o uso geográfico de vocabulários ingleses em ordem alfabética, salvo quando as convenções literárias de uma língua considerada diferem profundamente como no grego moderno. Acrescenta que na atualidade a maior necessidade recai sobre os *Glossários*, entendidos como explicações das abreviaturas, contrações, palavras e expressões ora figurantes em documentos geográficos estrangeiros, como mapas e cartas.

Dai a insistência da R.G.S. para que os documentos geográficos sejam acompanhados de glossários dos termos usados neles. Considera como inestimável contribuição neste sentido o *Glossary of geographical and topographical terms and of words of frequent occurrence in the composition of such terms and of place-names* (glossário de termos geográficos e topográficos e de vocábulos correntes na composição destes termos e topônimos) publicado em 1904 por

ALEXANDER KNOX. Este, não obstante se achar desatualizado, mercê de reformas ortográficas introduzidas em várias línguas, permanece a única fonte geral de informações relativamente à Ásia e outras regiões remotas. Menciona a série de glossários geográficos preparados por THEODORE PARMENTIER, entre 1849 e 1896, aludindo à incerta biografia do cientista francês. Arrola os seguintes trabalhos deste, reputados de maior interesse presente:

1. *Vocabulaire allemand-français des termes de fortification... etc.* Paris, 1849, iv-144 pp.
2. *Quelques observations sur l'orthographe des noms géographiques.* C. A. Ass. franç. Av. Sci., 1877 (1878), 1015-1059.
3. *De la transcription pratique, au point de vue français, des noms arabes en caractères latins.* Ib., 1879 (1880), 1076-1109.
4. *Vocabulaire arabe-français des principaux termes de géographie et des mots qui entrent le plus fréquemment dans la composition des noms de lieux.* Ib., 1881 (1882), i-1.
5. *Vocabulaire magyar-français des principaux termes de géographie et de topographie, ainsi que des mots, etc.* Ib., 1882 (1883), 921-965.
6. *Vocabulaire turk-français des termes de géographie et des mots, etc.* Ib., 1883 (1884), 858-931.
7. *Vocabulaire scandinave-français des principaux termes de géographie et des mots, etc.* Pubs. sep. pela Ass. franç. Av. Sci., Paris, 1887, 75 pp.
8. *Vocabulaire rhétoroman des principaux termes de chorographie et des mots, etc.* Publ. sep. pela Ass. franç. Av. Sci., Paris 1896, 88 pp.

PARMENTIER impressionara-se com as imperfeições dos glossários geográficos e dicionários existentes na sua época e assumira o encargo de corrigir-lhes os erros e preencher-lhes as lacunas. Para êle o uso geográfico comportava duas séries de glossários: pequenos glossários contendo algumas centenas de vocábulos, cada um, para línguas como o Húngaro e Chinês, então com reduzido número de leitores em França, e grandes glossários, abrangendo 1 500 a 2 000 palavras para línguas como o Alemão e o Italiano, familiares aos estudantes franceses. Entendia que o Glossário deveria servir como complemento técnico ao Dicionário.

Explicando os trabalhos acima referidos o autor esclarece que o vocabulário alemão (N.º 1. na ordem acima) contém a redução de numerosas medidas estrangeiras e seus valores ao sistema métrico. O impresso sobre a grafia de nomes geográficos (N.º 2) apresenta o problema da condição dos nomes convencionais do modo como o apreciamos hoje e contém duas tábuas comparativas, uma de representação dos sons estrangeiros na língua francesa e outra de representação estrangeira dos sons franceses. O n.º 3, que é introdução ao n.º 4, apresenta a língua Árabe aos geógrafos de um modo que dificilmente seria possível melhorar. As introduções aos restantes glossários são igualmente valiosas e notavelmente claras na parte fonética. No n.º 6, se encontra uma apreciação sobre o valor das vogais na língua turca. No n.º 7 faz-se distinção entre os vocábulos de origem dinamarquesa e norueguesa. O n.º 8, é um estudo comparativo do *Romansch, Ladin, Friulian*, e, como tal, de considerável interesse para os alpinistas. Embora levando em conta as dificuldades que os Glossários de PARMENTIER oferecem para o uso atual dos ingleses por serem redigidos em francês e destinados a leitores franceses, acha o autor que nenhum outro se lhes pode dar precedência, quando se trata de determinar a significação geográfica precisa de um termo numa língua qualquer compendiada por êles.

Em seguimento, menciona o continuador, na França, de PARMENTIER, P. POLLACCHI, cujos trabalhos: "Lecture des cartes russes", Paris, 1907; "Lecture des cartes anglaises et des Etats-Unis", Paris, 1908; "Alphabets en usage dans les principales langues parlées dans l'Europe centrale et les Balkans", N. P., 1910, estenderam a investigação a sinais convencionais sobre mapas. O glossário inglês inclui transcrições inglesas de termos de todos os países cobertos em 1908 por mapas ingleses e vale por um suplemento do glossário de KNOX.

Com referência à Alemanha nazista ocupa-se longamente das "Karter-Wörterbuch" (Berlín, 1941), de Wilhelm Bonacher — coleção de breves glossários enfeitando de 150 a 600 vocábulos em 55 idiomas, maiormente europeus e asiáticos (inserir poucos africanos), muitos dos quais estão acompanhados de versões cifradas nos caracteres nativos das palavras anotadas. Observa que BONACHER pretendeu elucidar as abreviaturas e contrações ocorrentes em mapas estrangeiros. Tal desiderato não logrou atingi-lo, segundo o autor, que enumera as razões que concorreram para êste insucesso. Considera que nem mesmo podem ser tidos por glossários de palavras colhidas em mapas estrangeiros, pois, na verdade, na maioria dos casos, reduzem-se a traduções de designações alemãs de objetos presumivelmente figurados em mapas estrangeiros, em vez de designações de objetos efetivamente coligidos nestes. Ademais, não se contam importantes mapas entre as escritas dadas (Coreana, Mongólica, Tibetana); alguns glossários estão vazados em transcrições românicas que se não conformam aos termos ocorrentes nos mapas (Armênio, Georgiano, Grego moderno, Japonês, índios vermelhos, etc.). Por fim, línguas que ora surdem em mapas como as dos Bérberes, de Burma, o Hebraico, etc. não têm lugar ali, o mesmo se dando com as abreviaturas e contrações em mapas estrangeiros.

"Foreign maps", de Everett C. Olson and Agnes Whitmarsh (Nova York, 1944) é um livro americano que, segundo o autor, concilia as principais finalidades dos trabalhos de POLLACCHI e BONACKER. Contém breves glossários e vocabulários em 33 idiomas, maiormente europeus e asiáticos.

Irrompendo a guerra o P.C.G.N. empreendeu o preparo de glossários para uso oficial, tendo lançado os seguintes:

"1. Modern Greek, 1942; 2. Russian, 1942; 3. Albanian, 1943; 4. Serbo-Croat and Slovene, 1943; 5. Romanian, 1944; 6. Thai (Siamese), 1945; 7. Turkish, 1945."

Êstes são glossários à maneira de PARMENTIER, abrangendo 1 500 a 2 500 palavras, abreviaturas e contrações extraídas de mapas, cartas e textos estrangeiros, apresentados na feição alfabética oficial estrangeira e traduzidos, nos casos precisos.

O autor revela que o Serviço de Guerra (War Office) de 1914-18, elaborou excelentes índices sobre fôlhas de certos mapas estrangeiros em larga escala. Sobre êstes professa: sua principal vantagem é a de não implicar apreciações críticas das fôlhas, limitando-se a uma compilação pura e simples mediante cópia cuidadosa que qualquer pessoa poderá fazer. Numerosos índices sobre séries de fôlhas e cartas foram organizados por iniciativa de diversos países aliados na última guerra. Estão, contudo, limitados a estas séries e não respondem à nomenclatura e localização. Refere-se ainda às listas sobre nomes relativos a determinados países, fornecidos, ocasionalmente, pela P.C.G.N.

Os dicionários geográficos, explica, acham sua aplicação quando há mister uma catalogação completa, identificação correta e a localização precisa de lugares e lineamentos geográficos. Adianta que, com exceção do *Dictionnaire des Bureaux de Poste* (4.^a ed., 2 vol., Berna, 1937), que se refere apenas a lugares habitados, nenhum dicionário compreensivo mundial foi publicado, desde 1912, quando surgiu a última edição do dicionário geográfico de Lippincott. A duração e validez dessas fontes informativas dependem, entretanto, da estabilidade das condições (sobretudo política). Cita como exemplos: *Survey Gazetteer of the British Isles*, de BARTOLOMEW, em 9.^a edição (Edimburgo, 1943, *The Imperial Gazetteer of Índia* (nov. ed., 25 vol., Oxford, 1907-1909, e atlas, ed. rev., 1931); o *Dictionnaire géographique et administratif de la France et de ses Colonies*, de JOANNE (7 vol. e intr., Paris, 1890-1905 e o *Dicionário geográfico-estadístico-histórico de España y sus posesiones de ultramar* (16 vol., Madri, 1846-50) — todos utilizáveis, ainda hoje.

Assenta o autor que nem todos os países dispõem, ainda atualmente, de competentes dicionários geográficos, embora dia a dia cresça a aplicação destes como o instrumentos geográficos. De alguns, apenas temos notícia como o das *Divisões territoriais administrativas da U.R.S.S.*; a *Lista alfabética das agências postais* e o *Catálogo (gazetteer) oficial das comunicações*, da Rússia. Estas publicações, estão geralmente fora do nosso alcance.

O mundo inaugura um período de reajustamentos no decorrer do qual apenas serão exequíveis dicionários provisórios. O geógrafo terá, portanto, de contentar-se com tôdas as listas de nomes disponíveis, guias de viajantes, índices de mapas e fôlhas e índices de manuais, e registros oficiais. O mundo se acha distante de possuir um novo dicionário geográfico, se bem que países particularmente favorecidos como a Colômbia possam abalçar-se a tal empreendimento de âmbito nacional (El diccionario geográfico, B.S.G. Colômbia, 1938).

Concluindo, estima serem as críticas que têm recebido os glossários e dicionários geográficos do *Committee*, provenientes da generalizada incompreensão do que seja a natureza exata dêsses dois tipos de guias geográficos.

J. Milanez da Cunha Lima